

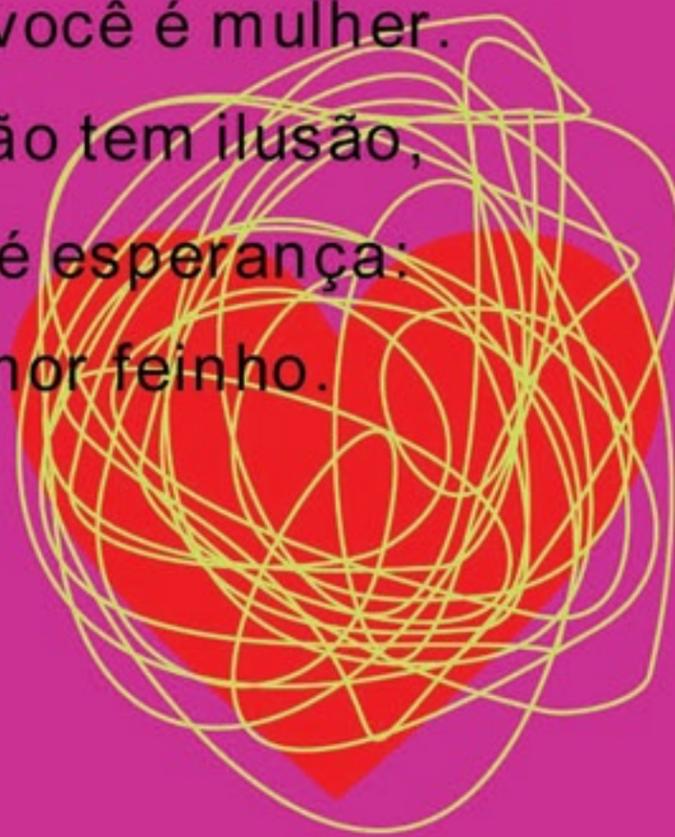
GEOMETRIA DO AMOR



AMOR FEINHO

Adélia Prado

Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.
Uma vez encontrado é igual fé,
não teologa mais.
Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.
Tudo que não fala, faz.
Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.
Amor feinho é bom porque não fica velho.
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:
eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:
eu quero amor feinho.



“Chegaste na hora certa”, ela disse. “Amanhã não poderia te ajudar; terias que esperar um ano. Vou misturar uma poção para que a tomes amanhã, sentada na praia, antes do sol nascer. A tua cauda vai se dividir e encolher, até tornar-se aquilo que os humanos chamam “pernas bonitas”. Vai doer; como se uma faca rasgasse o teu corpo. Todos os que te virem dirão que és a mais linda jovem que jamais conheceram. Teu andar será mais gracioso que o de qualquer bailarina. Mas cada vez que teus pés tocarem o chão será como se estivessem pisando em facas tão afiadas que fariam jorrar o sangue. Se estás disposta a sofrer tudo isso, posso te ajudar.”

“Estou”, murmurou a sereiazinha, e pensou no seu príncipe e em como ela ganharia uma alma imortal.

“Mas lembra-te”, acrescentou a feiticeira com voz rascante, “depois de ter um corpo humano, nunca mais poderás voltar a ser sereia. Nunca mais poderás cruzar o mar com tuas irmãs rumo ao castelo do teu pai. Se não conseguires que o príncipe se apaixone por ti a ponto de esquecer pai e mãe, de concentrar em ti todos os seus pensamentos, e de pedir ao padre que coloque sua mão direita na tua tornando-os marido e mulher, então, na primeira manhã depois dele ter-se casado com outra, o teu coração se partirá, e serás transformada em espuma do oceano.”

“Ainda assim quero”, disse a sereiazinha, e seu rosto estava pálido como um cadáver.

“Mas terás também que me pagar”, sibilou a feiticeira. “E não é pouco o que eu quero. Tua voz é a mais linda de todos os que vivem no oceano. Suponho que tenhas pensado em usá-la para encantar teu príncipe. Mas essa voz terá que me dar. Para pagar minha poção quero o que tens de mais precioso. Ela contém meu próprio sangue, para ser tão cortante quanto uma espada de dois gumes.”

“Mas se você ficar com a minha voz”, disse a sereiazinha, “o que me sobrará?”

“Teu lindo corpo”, disse a feiticeira. “Teu andar gracioso e teus belos olhos. Fale com eles e conseguirá conquistar um coração humano. Perdeu a coragem? Para fora com essa pequena língua, e deixe-me cortá-la em pagamento, para que tenhas a poção.”

“Que seja”, murmurou a sereiazinha.



HAPPY END

Cacaso

o meu amor e eu
nascemos um para o outro

agora só falta quem nos apresente

DE ALMANAQUE

Como pode o meu amor sendo um só
ser tão dividido?

SINA

O amor que não dá certo sempre está por
perto

FALANDO SÉRIO

Outro amor? Não caio mais.



SONETO IV

Luís Vaz de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

POEMA DO AMOR PERFEITO

Cecília Meireles

Naquela nuvem, naquela,
mando-te meu pensamento:
que Deus se ocupe do vento.

Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito?

Imensos jardins da insônia,
de um olhar de despedida
deram flor por toda a vida.

Ai de mim que sobrevivo
sem o coração no peito.
E onde estás, Amor-Perfeito?

Longe, longe, atrás do oceano
que nos meus olhos se aleita,
entre pálpebras de areia...

Longe, longe... Deus te guarde
sobre o seu lado direito,
como eu te guardava do outro,
noite e dia, Amor-Perfeito.

DESEJO

Dagmar Braga

fosse tua essa mão
tecendo o véu da noite

fosse tua essa voz
a urdir manhãs de maio

fosse teu esse cheiro
de chuva temporã

a vida espetalava de felicidade



FLORES E AMORES

Edméia Faria

Eu andava no jardim
pensando no meu amor,
deu um vento na roseira,
me cobriu toda de flor.

Eu plantei bela roseira
para te dar um botão;
como a roseira secou
eu te dou meu coração.

No fundo da minha casa,
plantei um pé de jasmim;
espero que o meu benzinho
nunca se esqueça de mim.

O branco é cor da paz,
o lírio, linda flor;
branca e linda é a vida,
ao lado do meu amor.

Manjeriço miudinho
salpicado de abecê,
meu coração só me pede
que eu me case com você.

QUE PODE AMOR?

Emílio Moura

Que pode amor, que pode, se de tudo
guarda apenas a glória de haver sido
um minuto, que mais? e, agora, mudo,
nem se doura do que era e do perdido?

Que pode, ávido, o amor, que pode, se hoje,
vaga, a vida não é, nem flui, vivida,
mas apenas pensada? E como foge
entre o real e a fábula, perdida!

Amor, amor! Em que árias escutá-lo?
Em que restos de coros, em que embalo
De um cantar esquecido? Em que lamento,
se a alma nem sabe em que desvão dormido
se fez nua, no tempo, e sem sentido,
pois que tudo é distância e esquecimento?

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

AMAR

Flor bela Espanca

Eu quero amar , amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a
gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida,

Pois se Deus nos deu voz foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,

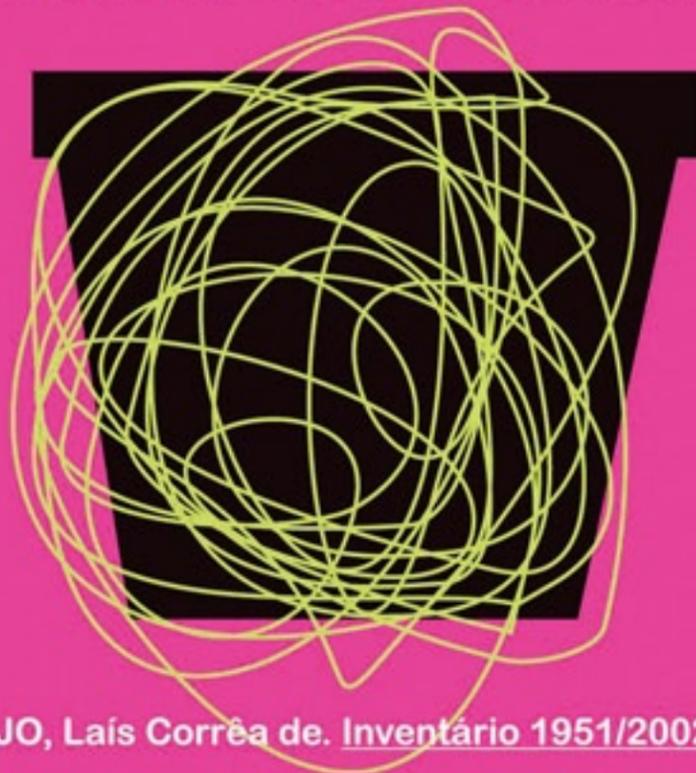
Que me saiba perder... pra me encontrar...

BULA

Laís Corrêa de Araújo

Este amor é apático hepático
estático dramático
niilista budista egotista
fatalista
não há como negar que
este amor é carente displicente
incompetente prepotente
delirante possante mutante
e militante

Este amor é epilético caquético
apologético estético
comodista absolutista amoralista
comunista e saudosista
invejoso capcioso ansioso
silencioso
não há como negar que
este amor não tem registro
nem embalagem adicional
nem custo a mais –
mas causa efeitos colaterais



POEMETO ERÓTICO

Manuel Bandeira

Teu corpo claro e perfeito,
Teu corpo de maravilha,
Quero possuí-lo no leito
Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio,
É como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado...

Rosal queimado do estio,
Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa do lume...

Teu corpo é chama e flameja
Como à tarde os horizontes...

É puro como nas fontes
A água clara que serpeja,
Que em cantigas se derrama...

Volúpia de água e da chama...

A todo momento o vejo...
Teu corpo... a única ilha
No oceano do meu desejo...

Teu corpo é tudo o que brilha,
Teu corpo é tudo que cheira...
Rosa, flor de laranjeira...

POEMINHA SENTIMENTAL

Mário Quintana

O meu amor, o meu amor, Maria
É como um fio telegráfico da estrada
Aonde vêm pousar as andorinhas...
De vez em quando chega uma
E canta

(Não sei se as andorinhas cantam, mas vá lá!)

Canta e vai-se embora

Outra, nem isso,

Mal chega, vai-se embora.

A última que passou

Limitou-se a fazer cocô

No meu pobre fio de vida!

No entanto, Maria, o meu amor é sempre o mesmo:

As andorinhas é que mudam.



LXVI

Pablo Neruda

Não te quero senão porque te quero
e de querer-te a não querer-te chego
e de esperar-te quando não te espero
passa meu coração do frio ao fogo.

Te quero só porque a ti te quero,
te odeio sem fim, e odiando-te rogo,
e a medida de meu amor viajero
é não ver-te e amar-te como um cego.

Talvez consumirá a luz de janeiro
seu raio cruel, meu coração inteiro,
roubando-me a chave do sossego.

Nesta história só eu morro
e morrerei de amor porque te quero,
porque te quero, amor, a sangue e fogo.





Descerram-se, amigo,
os lábios para o amor.
Exibem as rosas as suas pétalas nuas.
Gorjeiam os pássaros,
sentimo-nos embriagados de aromas.
Tudo é felicidade!
Neste momento insubstituível
de beleza e de amor,
que tremendo pecado
falar em arrependimento!

LIÇÃO DE BIOLOGIA

Ricardo Azevedo

Eu plantei um pé de amor
no fundo da minha vida.
A semente foi brotando.

Primeiro criou raiz,
da raiz nasceu o broto,
do broto nasceu o caule,
do caule nasceu o galho,
do galho nasceu a folha,
da folha nasceu a flor
e da flor nasceu o fruto.
E o fruto, que era verde,
depressa ficou maduro.

E com ele eu fiz um doce,
que eu dei pra você provar,
que eu dei pra você querer,
que eu dei pra você gostar.



“O amor é dom supremo

E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece.

Não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal.

Não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”



“ JULIETA – Já vais partir? O dia ainda está longe.
Não foi a cotovia, mas apenas
o rouxinol que o fundo amedrontado
do ouvido te feriu. Todas as noites
ele canta nos galhos da romeira.
É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.

ROMEU – É a cotovia, o arauto da manhã;
não foi o rouxinol. Olha, querida,
para aquelas estrias invejosas
que cortam pelas nuvens do nascente.
As cadeias da noite se apagaram;
sobre a ponta dos pés o alegre dia
se põe, no pico das montanhas úmidas.
Ou parto, e vivo, ou morrerai, ficando.

JULIETA – Não é do dia aquela claridade,
podes acreditar-me. É algum meteoro
que o sol exala, para que te sirva
de tocheiro esta noite e te ilumine
no caminho de Mântua. Assim, espera,
não precisas partir assim tão cedo.

ROMEU - Que importa que me prendam, que me matem?
Serei feliz assim, se assim o quiseres.
Direi que aquele ponto acinzentado
não é o olho do dia, mas o pálido
reflexo do diadema da alta Cíntia,
e também não foi a cotovia,
cujas notas a abóbada celeste
tão longe ferem sobre nossas fronte.
Ficar é para mim grande ventura;
partir é dor. Vem logo, morte dura!
Julieta quer assim. Não, não é dia.

JULIETA – É dia; foge! A noite se abrevia.
Depressa! É a cotovia, sim, que canta
desafinada e rouca, discordantes
modulações forçando e insuportáveis.
Dizem que ela é só fonte de harmonia;
não é assim, pois ora nos divide.
Há quem diga que o sapo e a cotovia
mudam os olhos. Oh! Quisera agora
que ambos a voz também trocado houvessem,
pois ela nos separa e, assim tão cedo,
como grito de caça mete medo.
Oh, vai! A luz aumenta a cada instante.

ROMEU – A luz? A escuridão apavorante.”

SONETO DE FIDELIDADE

Vinicius de Moraes

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

AS MUITAS DIMENSÕES DO AMOR

Eis um tema passível de múltiplas interpretações: o amor. Talvez seja, mesmo, o “pai” dos temas que envolvem poetas e escritores em dias – e muitas vezes noites – de inspiração. Mas seria possível investigar suas formas, dimensões, propriedades, como em um autêntico compêndio geométrico?

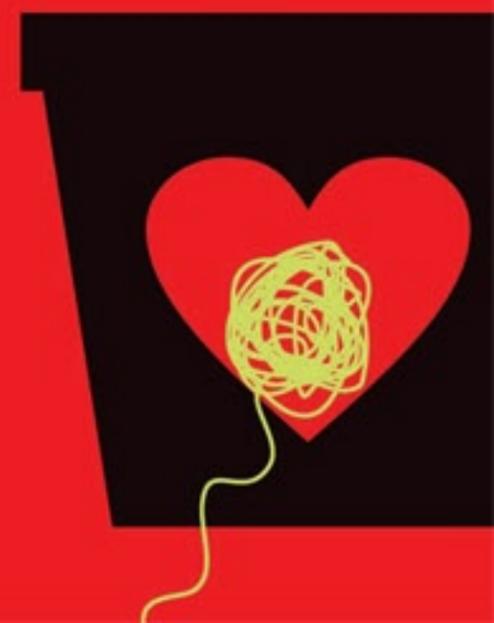
Se a resposta partir dos poemas expostos em “Geometria do Amor”, será, mais do que efetiva, afetiva. Sim, porque ao ler e em alguns casos reler essas palavras cobertas de um sentimento que transborda em direção ao leitor, a sensação é a de que cada autor estava, naquele exato momento, mais do que evocando: deixando fluir emoção em estado bruto.

Quando o tema é o amor, não lemos apenas com a mente, mas com a alma e o coração. É leitura desprendida, descompromissada, mas que nos fala fundo, nos traz lembranças, nos faz viver e reviver os muitos amores de nossas vidas.

Pela eclética seleção de textos da equipe da Biblioteca Luiz de Bessa, que integra a Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, a 26ª exposição itinerante, como as demais, vai emocionar e encantar os leitores, estimulando a leitura em todo o Estado. Mais ainda, o tema escolhido também vai lembrar, em uma época de turbulências econômicas, religiosas e étnicas, que o amor precisa persistir e prevalecer, sempre.

Paulo Brant

Secretário de Estado de Cultura de Minas Gerais



Geometria do Amor

Shakespeare, em seu “Trabalho do Amor Perdido” lembra que “nenhum poeta deveria escrever sem que, primeiro, a tinta temperasse nos suspiros do amor”. E é isso que os poetas mais têm feito, temperam suas penas e escrevem sobre o amor.

O amor feliz, o infeliz, o bem resolvido, o nem tanto, o amor feinho, o amor cheio de beleza, a presença dele e a sua ausência, o amor infinito, o amor breve, o ridículo e o grandioso, o perfeito, aquele cheio de defeitos, o amor “carente, displicente, incompetente, prepotente”, desde que o mundo é mundo, o amor está no ar e na literatura.

Pessoas de todas as idades, sexo, raça, credo, profissão buscam nas palavras a tradução do sentimento do amor. Isto acontece também nas bibliotecas públicas, onde a procura por livros sobre o amor é constante, com motivo ou sem motivo: em dezembro porque é Natal, em janeiro porque tem sol, férias e há mais esperança, em março porque as aulas começam, em maio porque é “dia das mães”, em junho, “dia dos namorados”, em julho porque faz frio, setembro é primavera, em qualquer mês alguém que se ama faz aniversário.

Atendendo a pedidos, a Superintendência de Bibliotecas Públicas, através da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, elegeu o amor como tema de sua 26ª exposição itinerante que ficará à disposição dos leitores desta Biblioteca e das quase novecentas bibliotecas públicas municipais que formam uma impressionante rede de acesso gratuito à leitura cobrindo todas as regiões de Minas.

Leiam. Gostem. Escolham seu poema preferido. Recomendem outros poetas pois esses foram selecionados pela equipe da Biblioteca Luiz de Bessa e ainda há, para ser lido e declamado, um universo de poemas sobre o amor. Que cada município faça também a sua própria exposição.

Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas Públicas



GEOMETRIA DO AMOR

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS:
Aécio Neves

VICE-GOVERNADOR:
Antonio Augusto Junho Anastasia

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA:
Paulo Brant

SECRETÁRIA-ADJUNTA:
Sylvana Pessoa

SUPERINTENDENTE DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS:
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

DIRETORA DE AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA:
Fabíola Farias

DESIGN GRÁFICO:
Daniella Penna

